

# UM POETA EM ANOS DE PROSA <sup>1</sup>

*A POET IN YEARS OF PROSE*

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2175-3180.v15i29p420-427>

André Souza da Silva <sup>1</sup>

## RESUMO

Depois de mais de duas décadas de carreira literária, Valter Hugo Mãe põe-se a lembrar a infância em *Contra mim* (2020), seu primeiro livro de memórias. Publicada no Brasil em 2020, a obra galardoada com o Prêmio da Associação Portuguesa de Escritores (APE) apresenta ao leitor um panorama da infância e adolescência do escritor, desde cedo envolto nos problemas mais profundos do Portugal onde cresceu. O livro é também uma forma de nos debruçarmos sobre os temas que o consagraram como romancista, além de fazer com que revisitemos sua poesia, embora esta seja menos conhecida pelo leitor brasileiro.

## PALAVRAS-CHAVE

Valter Hugo Mãe; Memórias; Portugal.

## ABSTRACT

*It is after two decades of his literary career that Valter Hugo Mãe starts to recall his childhood in *Contra mim* (2020), his first memoirs book. Published in Brazil in 2020, this literary work that received the Award of the Portuguese Associations of Writers (APE) presents to the reader a panorama of the writer's childhood and adolescence, that has been since the early years surrounded by the most profound problems of Portugal, country where he grew in. The book can also be seen as a suggestion to analyze the themes that made him a novelist, as well as a revisit to his poetry, despite being not as known to the Brazilian reader.*

## KEYWORDS

*Valter Hugo Mãe; Memoirs; Portugal.*

<sup>1</sup> Resenha de: MÃE, Valter Hugo. *Contra mim*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020.

<sup>1</sup> Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil.

O leitor que alguma vez se deparou com a poesia de Valter Hugo Mãe, reunida pela primeira vez no volume intitulado *contabilidade* (2010), encontrará em *Contra mim* (2020), em prosa poética, muito da natureza dos primeiros poemas publicados pelo autor, que desde então mostraria um gosto especial pelas letras minúsculas, inclusive em seus títulos, como mais tarde apontaria a crítica ao se deparar com os romances que o notabilizariam<sup>2</sup>. Marcados pelo caráter intimista, confessional e autobiográfico, *a natureza revolucionária da felicidade* e *o inimigo cá dentro*, publicados em 2008 por editoras independentes, mostram-se preocupados com a evolução de um sujeito poético que se autodescobre, em múltiplos aspectos da vida, com a passagem do tempo. Datados em sua maioria da primeira década do ano 2000, parte dos versos compilados em *contabilidade* existem desde 1990, quando Mãe efetivamente se lançou à escrita literária já interessado nos temas que mais tarde, de forma mais madura, marcariam os seus romances.

Ainda assim, engana-se quem pensa que a poesia, algo desconhecida fora de Portugal e abandonada oficialmente em 2008, não lhe tenha servido para nada. No final de *contabilidade*, o antigo poeta – em anos de prosa tal qual Almeida Garrett – afirma ter encontrado na poesia, para si o gênero mais exigente entre todos, a sabedoria necessária para escrever a prosa que o levaria ao Prêmio José Saramago em 2007 e ao Prêmio Portugal Telecom (atual Prêmio Oceanos) em 2012. Sem a poesia, talvez o leitor não tivesse sido brindado com o fantástico hagiográfico numa personagem como o pequeno Benjamin em *o nosso reino* (2004), ou com a esperança quase ingênua que Maria da Graça e Quitéria, duas domésticas atravessadas pela exploração do trabalho, depositam na vida em *o apocalipse dos trabalhadores* (2008), sem falar do lirismo contido nas palavras do Sr. Silva, um simples barbeiro, em *a máquina de fazer espanhóis* (2010). Como assegura: “a poesia deu-me tudo o que aprendi sobre os textos. Ter

---

<sup>2</sup> Referimo-nos aos romances *o nosso reino* (2004), *o remorso de baltasar serapião* (2006), *o apocalipse dos trabalhadores* (2008) e *a máquinas de fazer espanhóis* (2010), os quais se convencionou chamar, por alguns críticos, de “a tetralogia das minúsculas”. Lidos em conjunto, os romances também podem ser pensados à luz do curso da vida humana, apresentando-nos, respectivamente, a infância, a adolescência, a maturidade e a velhice.



ética por detrás dos poemas, “que nunca serviriam para diminuir, mas para aumentar” (MÃE, 2020, p. 248) a vida de quem, como ele, passava um pouco ao largo numa família preocupada com a existência diária, marcada pela presença antitética do irmão morto, o Casimiro, com o qual sonhava mesmo sem nunca o ter conhecido.

A pureza daquela criança, como é natural, se perderia no emaranhado de coisas da vida adulta, mas a lição de que “o paraíso são os outros” – ao contrário do que pensava Sartre na famosa peça de 1945 –, aprendida naquela época, embora presente em toda a sua obra, ganha relevo em *Contos de cães e maus lobos* (2015) e em *Contra mim* (2020). Há, no primeiro livro, como notou Mia Couto ao prefaciá-lo, um “reencantamento da infância, [uma aposta na] cumplicidade de quem partilha [com o leitor] vazios e silêncios que desconcertam e [por vezes nos] fragilizam” (2015, p. 11). *Contra mim*, por sua vez, revela, nas tardes na companhia dos amigos Renatinho e Chiquinho, do avô que lhe ouvia fantasiar à vontade e da mãe que o cuidara, provas de uma vida dedicada, em última instância, à “convicção de que existir é um convite à ternura, ao cuidado, ao outro” (MÃE, 2020, p. 248).

Mas nem sempre a vida lhe rendera matérias afeitas ao alumbramento da poesia. Em 25 de Abril de 1974, aos três anos, sem saber do que se tratava, “num instante de memória, lembro de o meu pai gritar a partir do passeio, correndo num susto. Lembro que dizia: é a guerra (...) ouviam-se tiros esparsos e meu pai não teria sabido que ideia revolucionária acontecia” (MÃE, 2020, p. 29). Depois, ao ganhar consciência do evento, destaca: “de certo modo, minha cabeça nasceu naquele dia. O que acontece antes desse dia participa como abstração intuitiva” (MÃE, 2020, p. 29), como se tivesse menos importância em sua trajetória como cidadão português. Ao longo dos anos 1970, conforme crescia, ouvia falar e sentia o lastro de quase cinco décadas sob ditadura, “porque a democracia não se ensina num dia, e num dia não se apaga o fascismo das convicções das pessoas” (MÃE, 2020, p. 35). Essa constatação, como cabe lembrar, foi trabalhada com mais profundidade em *a máquina de fazer espanhóis* (2010) sob a denominação do “fascismo dos bons homens”, numa clara alusão ao reacionarismo que se verifica na sociedade portuguesa na atualidade.

O preconceito racial marcado por séculos de colonialismo também não se apagaria da metrópole tão facilmente, que, com o fim do império,



pequeno que quase não servia para nada (...) A professora mandou que me levantasse e procurasse eu próprio. Lembro-me de procurar junto de onde ela dissera ser Portugal. Via onde era o Porto. Sabia que estávamos à beira do Porto. Achei que Angola seria perto, para justificar que lá tivesse ido nascer (...) Demorei uns segundos, demasiados, e ela bateu com a palma da mão atrás da minha cabeça. Rocei o nariz no mapa, os miúdos riram e ela dizia que era ali mesmo, com o meu nariz de ignorante a apontar. Vi entre os olhos a palavra Angola e não tive coragem para perguntar mais, porque estava demasiado envergonhado. Gostaria de ter perguntado pela cidade onde nasci e gostaria de ter demorado a olhar. Talvez, se olhasse o mapa ali de perto, pudesse ver o casario e o rosto de algumas pessoas. Certamente recuperaria alguma memória, e ficaria feliz com isso (MÃE, 2020, p. 40-41).

Relembrar estes episódios, escritos de forma esparsa durante quinze anos sem destino ou função aparente, ajudaram-no a fugir da solidão que o acompanha desde muito jovem, pois escrever, para Valter Hugo Mãe, como parecia desde os primeiros poemas, é “um esforço de companhia” (MÃE, 2020, p. 251). E talvez resida aqui, de forma muito resumida, a chave que estrutura a sua obra, que da poesia à prosa, passando também pelos textos dedicados ao público infanto-juvenil, não é senão um gesto de alteridade, uma lição sobre a importância do outro na composição de uma vida que só vale a pena pela alegria e o amor que dispensamos ao outro. “Para mim, as palavras prometiam milagres, nunca pertenciam ao normal, eram instrumentos de partida, iniciavam deslocamentos e mudanças profundas, talvez até nos impedissem o regresso, por maior esforço ou inteligência” (MÃE, 2020, p. 92). Em certo sentido, é isso o que anunciam livros como *O filho de mil homens* (2011) e *As mais belas coisas do mundo* (2019), nos quais parece haver a compreensão de que o mais importante, em Mãe, é a expectativa das palavras operarem um milagre.

Como destaca Nélida Piñon (apud MÃE, 2020, p. 14) no prefácio à edição brasileira de *Contra mim*, publicada pelo selo Biblioteca Azul, da Editora Globo, a obra é uma arte que “projeta o autor para a grandeza literária”, cuja capacidade de se reinventar e de escrever sobre os mais diversos temas, em livros cada vez mais diferentes entre si, deve ser destacada. Mas não é somente por isso que o livro merece ser lido, senão também pela *literariedade* que acompanha sistematicamente o que poderia ser apenas mais um livro de memórias, de cariz autobiográfico, processado sem qualquer compromisso com aquilo que Roman Jakobson teorizou

sobre a natureza do texto poético e literário, pensado também para a fruição estética do leitor.

Desde que foi publicado, o livro, premiado pela Associação Portuguesa de Escritores (APE), tornou-se fundamental para leitores e pesquisadores interessados na aventura de uma vida que, obviamente ficcionada, ajuda a ler e reler os romances com os quais estamos mais acostumados, tamanhos são os pontos de encontro entre as obras, principalmente em relação ao *nosso reino* (2004). Como é possível defender com mais propriedade após a leitura da obra resenhada, o romance de estreia de Valter Hugo Mãe é, no fundo, a revisitação de sua infância em forma de romance. Benjamin, o protagonista, transforma-se em alter ego do autor. Trata-se de um menino confuso e solitário, que almeja ser santo numa sociedade atormentada pela influência do catolicismo, habitante de uma vila portuguesa dos anos 1970, atravessado pelo salazarismo e envolto em preconceitos sociais variados, assim como o escritor nos mostra a seu respeito e do cenário no qual cresceu ao longo de *Contra mim*.

A leitura da Bíblia reiterava a minha exclusão. Eu era efetivamente alguém exterior à magnificência da salvação. A minha alma menor não continha chave para a sua descodificação. Excluído, não sonhava com um futuro, aceitava humildemente apenas procurar saber da vida dos que estavam contemplados. Creio que essa foi a característica mais importante de como cresci e de como me tornei escritor (...) Tive muito a convicção de que Deus não reparou no fato de me ter criado, como também acontecera com o meu colega Manuel. Eu teria vindo à vida por um lapso, um equívoco que não chamara a atenção de ninguém. Aos seis anos de idade, tão magro de nem pesar mais do que entre duas galinhas e meia, era bastante fácil acreditar que entre duas galinhas e meia e eu o mundo estaria mais bem servido por elas, fazendo falta para alegrarem quintais e encherem panelas à fome de pessoas mais de verdade (MÃE, 2020, p. 90-91).

Já consagrado, quase duas décadas depois, exibindo outra vez sua veia memorialista, a infância volta a ser o eixo condutor de uma obra que tem Mãe como centro<sup>4</sup>, traduzindo-se em um convite à intimidade de um autor cuja escrita também nos impele a buscarmos por nossas próprias crianças, aquelas que um dia fomos, das quais temos saudades e que são

---

<sup>4</sup> O leitor atento notará que o tom memorialista conduz as lembranças do protagonista em *a máquina de fazer espanhóis* (2010) e que a infância fora tematizada em *A desumanização* (2013), mas em nenhum dos romances, por assim dizer, o autor coloca-se em análise.

parte importante do nosso ser. É isso o que confirma o trecho abaixo, com o qual encerramos essa resenha, típico de um poeta em anos de prosa.

Estamos sempre à procura das nossas grandes crianças. Essas que começamos por ser e que se tornam paulatinamente inacessíveis, como irreais e até proibidas. Crianças que caducaram, partiram, tantas por ofensa, tantas apenas por esquecimento. Dizíamos que deixarmos de saber delas é pousar o presente e ensaiar erguer o futuro, no amplo vazio. A criança que não regressa é uma falta de saúde do tempo. Uma enfermidade que aguarda de qualquer maneira. (MÃE, 2020, p. 21)

## REFERÊNCIAS

- MÃE, Valter Hugo. *contabilidade*. Lisboa: Alfaguara, 2010.  
MÃE, Valter Hugo. *Contos de cães e maus lobos*. Porto: Porto Editora, 2015.  
MÃE, Valter Hugo. *Contra mim*. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020.  
MÃE, Valter Hugo. *publicação da mortalidade*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2018.

Recebido em 17 de maio de 2022

Aprovado em 24 de outubro de 2022

Licença: 

André Souza da Silva

Mestrando em Literatura Portuguesa na Universidade de São Paulo, com bolsa FAPESP, e membro do Grupo de Pesquisa Colonialismo e Pós-colonialismo em Português (USP). Graduado em Letras pela Universidade Federal de São Paulo (2018), realizou Intercâmbio Acadêmico (2016), com Bolsa Santander, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Contato: [a.drsoouza@usp.br](mailto:a.drsoouza@usp.br)

: <https://orcid.org/0000-0001-8478-8744>